

EDUCAÇÃO

V.8 • N.2 • Março - 2020

ISSN Digital: 2316-3828

ISSN Impresso: 2316-333X

DOI: 10.17564/2316-3828.2020v8n2p175-188



## ENTRE NUDES, ACONTECIMENTOS E PERFORMATIZAÇÕES: NORMATIZAÇÕES/ DESLOCAMENTOS DE GÊNERO E SEXUALIDADE NO COTIDIANO ESCOLAR

BETWEEN NUDES, EVENTS AND PERFORMATIZATIONS:  
NORMATIZATIONS/DISPLACEMENTS OF GENDER AND  
SEXUALITY IN THE SCHOOL DAILY

ENTRE 'NUDES', EVENTOS Y PERFORMATIZACIONES:  
NORMATIZACIONES/DESPLAZAMIENTOS DE GÉNERO Y  
SEXUALIDAD EN LA RUTINA ESCOLAR

Paulo Melgaço da Silva Júnior<sup>1</sup>  
Leandro Teófilo de Brito<sup>2</sup>

### DOSSIÊ:

"CORPO, GÊNERO E SEXUALIDADE NA CIBERCULTURA: MODOS DE  
CONHECER, PRÁTICAS DE SOCIABILIDADE E REDES EDUCATIVAS"

## RESUMO

O compartilhamento de nudes por dispositivos móveis entre estudantes de uma escola da rede municipal de Duque de Caxias desestabilizou o cotidiano da instituição de ensino. Tal fato, ocorrido em 2016, impulsionou a escola à realização de um projeto que discutisse questões de gênero e sexualidade em suas práticas pedagógicas cotidianas. Desse modo, realizamos pesquisa participante no espaço da escola, fazendo uso de observações, entrevistas com sujeitos da comunidade escolar e análises de documentos, para investigar a condução do projeto no que diz respeito a problematização destas questões. Mobilizamos como teorias a noção foucaultiana de acontecimento e os estudos de gênero localizados nas perspectivas pós-estruturalistas pelos trabalhos de Judith Butler, Guacira Louro, Richard Miskolci, Paul B. Preciado, entre outros/as. O acontecimento do nudes provocou importantes deslocamentos no cotidiano escolar da instituição, repensando, problematizando verdades em relação a questões de gênero e sexualidade ao colocar em xeque as relações de poder que produzem efeitos de realidade sobre os corpos.

## PALAVRAS-CHAVE

Dispositivos móveis. Gênero. Sexualidade.  
Escola. Educação.

## ABSTRACT

The sharing of nudes by mobile devices among students of a school in the municipal network of Duque de Caxias destabilized the daily life of the educational institution. This fact, occurred in 2016, propelled the school to the realization of a project that discussed issues of gender and sexuality in their daily pedagogical practices. In this way, we conduct participatory research in the school space, using observations, interviews with subjects from the school community and analysis of documents, to investigate the conduct of the project regarding the problematization of these issues. We mobilized Foucault's notion of event and gender studies in the post-structuralist perspectives by the works of Judith Butler, Guacira Louro, Richard Miskolci, Paul B. Preciado, among others. The nudes event caused important shifts in the institution's school daily life, rethinking and problematizing truths regarding gender and sexuality issues by challenging the power relations that produce reality effects on the bodies.

## KEYWORDS

Mobile Devices. Gender. Sexuality. School. Education.

## RESUMEN

El intercambio de 'nudes' mediante dispositivos móviles entre estudiantes de una escuela de la red municipal de Duque de Caxias desestabilizó la vida cotidiana de la institución educativa. Este hecho, ocurrido en 2016, impulsó a la escuela a la realización de un proyecto que discutió temas de género y sexualidad en sus prácticas pedagógicas diarias. De esta manera, realizamos investigaciones participativas en el espacio escolar, utilizando observaciones, entrevistas con sujetos de la comunidad escolar y análisis de documentos, para investigar la conducción del proyecto con respecto a la problematización de estos problemas. Movilizamos la noción de evento de Foucault y los estudios de género en las perspectivas postestructuralistas de las obras de Judith Butler, Guacira Louro, Richard Miskolci, Paul B. Preciado, entre otros. El evento de desnudos causó cambios importantes en la vida diaria escolar de la institución, repensando y problematizando verdades sobre cuestiones de género y sexualidad al cuestionar las relaciones de poder que producen efectos de realidad en los cuerpos.

## PALABRAS CLAVE

Dispositivos móviles. Género. Sexualidad. Escuela. Educación.

## 1 INTRODUÇÃO

O século XXI trouxe à tona novos paradigmas, que consideram este um momento histórico de questionamento ao projeto da modernidade e de mudanças no contexto sociopolítico-cultural e epistemológico. São tempos em que os ideais da modernidade têm sido reescritos, afetando diretamente as formas de viver e pensar que se refletem nas esferas públicas e privadas (MOITA LOPES, 2008). Assim, os sujeitos passam a reivindicar seus direitos sociais e a marcar posições em busca da legitimação e reconhecimento de suas identidades.

Nesta discussão, também é de fundamental importância reconhecer que vivemos em um mundo marcado pelos diversos efeitos da globalização. Para Kumaravadivelu (2006) a atual globalização tem mudado a paisagem do mundo pelas distâncias espacial e temporal e os processos econômicos e culturais das vidas das pessoas estão mais intensos e imediatamente interligados.

Isto ocorre graças à internet, que representa um elemento decisivo no processo de comunicação global. Para o autor, a internet tornou-se uma instância contemporânea importante que conecta “indivíduos com outros, com associações particulares e com instituições educacionais e agências governamentais, tornando as interações à distância e em tempo real possíveis” (KUMARAVADIVELU, 2006, p. 131).

Tal questão é facilitada pelo uso cada vez maior de computadores portáteis e móveis, possibilitando o que se chama de mobilidade ampliada, potencializando as dimensões física e informacional (LEMOS, 2009). Nesta perspectiva, a sexualidade na era da mobilidade ampliada tem construído diversos caminhos e possibilidades nas vidas dos sujeitos e na construção de suas identidades.

A partir de suas facilidades, as pessoas se apresentam, se encontram e buscam parceiros/as, seja para namoros ou mesmo encontros imediatos sem compromisso. Entretanto, Lemos (2009, p. 29) também nos chama atenção de que essa mobilidade não deve ser vista como neutra, pois “revela formas de poder, controle, monitoramento e vigilância, devendo ser lida como potência e performance”.

Com esse fácil acesso, via tecnologia dos aparelhos celulares por meio de aplicativos como o *whatsapp*, *telegram* e o *messenger*, uma prática bastante recorrente é o envio de nudes (fotos de nudez). A enunciação *manda nudes* proliferou-se entre as pessoas, que começaram a enviar por meio de dispositivos móveis fotos nuas umas para as outras.

Nesse contexto, um episódio de envio de nudes ocorreu em uma escola de ensino fundamental do município de Duque de Caxias, no segundo semestre de 2016, e colocou em discussão a visão de professores/as e estudantes sobre questões relacionadas a gênero e sexualidade. Nudes de algumas estudantes do 9º ano regular e da Educação de Jovens e Adultos (EJA), que, inicialmente, foram enviados aos seus possíveis parceiros/namorados acabaram sendo compartilhados publicamente sem autorização delas.

Segundo relato da orientadora educacional da escola, nove estudantes mulheres tiveram suas fotos divulgadas. O fato que mais incomodou a direção e professores/as foi a naturalidade com que estas estudantes reagiram diante da divulgação de suas fotos sem autorização, pois apenas uma se mostrou indignada com o parceiro/namorado. Isto motivou a escola a realizar um projeto pedagógico visando discutir corpo, gênero e sexualidade e a proposta era que o mesmo tivesse início em 2016,

contudo, por dificuldades políticas no município, tais como funcionários/as com salários parcelados e atrasados, paralisações e greves, as discussões foram adiadas e o trabalho teve início em 2017.

Este artigo tem como objetivo discutir a condução inicial do projeto, no que diz respeito a problematização das questões de gênero e sexualidade nas práticas pedagógicas propostas pela escola do *Bairro*<sup>3</sup>, após o acontecimento do nudes. Para desenvolver este trabalho, tomamos de empréstimo do arcabouço foucaultiano a noção de *Acontecimento*, que Albuquerque Jr. (2004) apresenta como uma prática que altera, que sai da rotina, que interrompe um universo de continuidades e repetições.

Foucault (1997) coloca que o acontecimento não é uma faculdade permanente, mas sim algo que surge, que inquieta e que provoca incertezas e questiona verdades consolidadas. Assim, o acontecimento pode ser percebido, em nossas interpretações, como algo que desestabiliza a prática cotidiana escolar, mostrando-se como algo diferente e estranho ao trabalho pedagógico, mas ao mesmo tempo colocando em questionamento visões consolidadas e provocando a possibilidade da criação de práticas pedagógicas que se diferenciem das usuais.

As escolas são locais privilegiados para que meninos e meninas aprendam as possibilidades mais normativas de que é ser homem e mulher, a partir de suas constituições de gênero, mas também – e ao mesmo tempo – espaços potentes para desestabilização de tais normas. Serão nessas instituições que as relações de poder entre homens e mulheres, meninos e meninas se darão com grande intensidade, pelo discurso e por práticas de regulação de corpos e desejos. Regulações e normatizações que podem ser incorporadas, mas também que podem vir a fracassar (MOITA LOPES, 2008).

Destacamos como a principal teorização para pensar as questões de gênero e sexualidade em nossa pesquisa, a noção de performatividade (BUTLER, 2015). O gênero é performativo pela repetição estilizada do corpo por falas, atos e gestos, que, com base nas normas da heterossexualidade reprodutora, busca enquadrar os sujeitos em modelos binários, inteligíveis e coerentes com a premissa normativa de sexo-gênero-desejo. Todavia, este é um processo contingente e imprevisível, pois é possível ocorrer tanto a reprodução das normas como possibilidades de rupturas e subversões, conforme discutiremos na pesquisa de campo.

## 2 CAMINHOS DA PESQUISA

Para a produção dos dados desta pesquisa, buscamos por meio de uma pesquisa participante (HOOKE, 2010) adentrar no cotidiano da escola no período de 8 a 19 de maio de 2017, em dias alternados e no turno da tarde. Tomamos conhecimento que o projeto para as discussões sobre gênero e sexualidade estava sendo desenhado em março do mesmo ano e entramos em contato com uma das duas idealizadoras do projeto, a pedagoga e orientadora educacional Flávia, que prontamente nos recebeu. Explicamos a proposta da pesquisa e propomos entrevistas com as duas profissionais responsáveis pelo projeto.

3 Nome fictício escolhido pelo fato da escola ser um dos principais pontos de socialização do bairro, tornando-se um local de encontro e convívio social naquela comunidade. Os nomes dos sujeitos participantes da pesquisa também são fictícios.

Nosso interesse era de conhecer os caminhos planejados pela escola para a problematização de questões de gênero e sexualidade, que emergiram com força após os episódios de compartilhamento das fotos das estudantes. Realizamos a entrevista com a pedagoga Flávia no dia 8 de maio de 2017 e com Ana – outra pedagoga responsável pelo projeto - dia 19 de maio de 2017.

Para conhecer como o projeto estava sendo desenvolvido em sala de aula, realizamos também entrevistas com o professor de história e a professora de português. Também tivemos conversas informais com estudantes no espaço escolar e buscamos realizar a leitura do projeto político pedagógico da escola que, no ano de 2017, se propunha a trazer discussões sobre as temáticas de gênero e sexualidade.

No contexto de pesquisas participantes sobre gênero e sexualidade e que se constroem sob um olhar não naturalizado, Hooke (2010) destaca que o/a pesquisador/a deve estar atento às subjetividades sexuais presentes no campo de pesquisa, pois as dimensões emocionais, intersubjetivas e eróticas possibilitam relatos potentes que mostram efeitos nas realidades e práticas cotidianas vividas por sujeitos que fogem das normatividades sociais vigentes. Deste modo, buscamos esse olhar para a desenvolvimento de nossa pesquisa participante na instituição de ensino.

A escola do Bairro está localizada na periferia urbana de Duque de Caxias, estado do Rio de Janeiro. Localizada no 2º distrito da rede municipal, a escola oferece educação infantil, primeiro e segundo segmento do ensino fundamental e Educação de Jovens e Adultos (EJA), possuindo cerca de 1000 estudantes provenientes da classe trabalhadora da região e de baixa renda.

### 3 NORMATIZAÇÕES/DESLOCAMENTOS NA ESCOLA DO BAIRRO

O episódio que alterou a rotina da escola ocorreu no segundo turno e foi protagonizado por estudantes das turmas de 9º ano e da EJA. Nas palavras da orientadora educacional Flávia:

Começamos a perceber a questão das fotos de alunas nuas circulando na escola quando estávamos preparando nossa festa julina no ano passado. Um aluno comentou com o professor de Geografia que tinha várias fotos de uma colega nua no celular e que as meninas da turma estavam mandando nudes para os colegas. Quando fizemos o conselho do segundo bimestre, outro professor comentou que na EJA os alunos estavam falando que tinha fotos de meninas nuas da escola nos seus números de WhatsApp. A questão veio à tona quando já em setembro do ano passado uma aluna nos procurou aqui na orientação educacional chorando dizendo que havia enviado umas fotos para o rapaz que ela estava saindo e que estas fotos chegaram nas mãos de alunos da turma e que eles estavam mostrando para outros rapazes aqui na escola. A princípio fomos conversando com os alunos, descobrimos que diversas alunas da escola haviam enviado fotos de alguma parte do corpo seja para rapazes da escola ou da comunidade. Conversamos com os pais da aluna que havia nos procurado. Eles se mostraram surpresos e “indignados” (faz o gesto com as mãos sobre o entre aspas), queriam que a escola punisse os rapazes e que conversariam com a filha (Entrevista realizada no dia 8 de maio de 2017).

A orientadora ainda complementou que tudo soou muito artificial, ou seja, ela não sentiu nenhuma intenção dos responsáveis de agir sobre o quadro que estava posto. Conforme a fala de Flávia, o envio de nudes pelas meninas estudantes se tornou um fato cotidiano no contexto da escola, o que entendemos subverter as normatizações impostas sobre performatizações de feminilidades de um modo geral, controladas e reguladas, comumente, pelas instituições educacionais.

Nos remetendo a Butler (2015) nesta análise, reconhecemos que o gênero produz fracassos necessários, quando desestabiliza os sentidos mais “naturais”, excedendo e desafiando a ordem instituída que busca regular os sujeitos em um processo heterossexualmente desejável. Deste modo, “assim como as superfícies corporais são impostas como o natural, elas podem tornar-se o lugar de uma performance dissonante e desnaturalizada, que revela o status performativo do próprio natural” (BUTLER, 2015, p. 252).

Outro ponto que trazemos para problematização pela fala da orientadora educacional, mas de maneira antagônica à análise anterior, diz respeito a afirmação de indignação de que possivelmente os responsáveis da estudante não a puniram pelo envio das fotos nuas, exigindo que a escola tomasse uma posição em relação aos meninos estudantes.

Preciado (2014) postula que os papéis e as práticas sexuais que naturalmente se atribuem como normais aos gêneros masculinos e femininos se mostram como um conjunto arbitrário de regulações impostas nos corpos para assegurar a exploração material de um sexo pelo outro. Conforme reitera o autor: “Os homens e as mulheres são construções metonímicas do sistema heterossexual de produção e de reprodução que autoriza a sujeição das mulheres como força de trabalho sexual e como meio de reprodução” (PRECIADO, 2014, p. 26).

Deste modo, a culpabilização da estudante sobre o compartilhamento de suas fotos nuas se faz presente na fala da coordenadora educacional Flávia, retirando, em alguma medida, a participação dos meninos estudantes deste processo. A performance de feminilidade dissidente da estudante, interpretada pelo envio de nudes, se mostra ininteligível dentro de um sistema hierárquico que sobre põe masculino/feminino e que exige coerência entre sexo-gênero-desejo (BUTLER, 2015), mas que também, por ser um processo contingente, desestabiliza os sentidos mais usuais que são instituídos nos contextos sociais para meninas e mulheres.

Assim, crescia no ambiente escolar, segundo a orientadora Flávia, as brincadeiras e piadas sobre nudes e a cada momento ouvia-se repetidamente a enunciação *manda nudes* no cotidiano da escola. Deste modo, no início do 4º bimestre de 2016, em conjunto com a direção e professores/as, foi tomada a decisão que a escola precisava agir e colocar em discussão o que estava acontecendo.

Para tal, foi convidada uma profissional com experiência em pesquisas sobre gênero e sexualidade para ministrar uma palestra para os/as estudantes. Segundo a orientadora, a palestra apesar de interessante e atrativa não surtiu efeito e não atingiu os objetivos esperados: os/as estudantes brincaram, conversaram, não prestaram atenção e na semana seguinte as mesmas brincadeiras sobre a questão do nudes se mantinham no cotidiano escolar. Então, a escola resolveu propor a realização de um projeto sobre corpo, gênero e sexualidade organizado pela própria instituição.

Deste modo, a orientadora foi buscando atrair os/as professores/as interessados no tema para a construção de um projeto para ser desenvolvido no ano de 2017 com as turmas de 8º e 9º anos regulares e EJA dos turnos da manhã e tarde. Segundo a orientadora, foram poucos/as os/as professores/as

que se interessaram em participar. As justificativas foram muitas desde “eu não estou preparado para isso”, “na minha disciplina é impossível fazer estas discussões” e até “não ganho para isso”.

Sabemos que o contexto educacional brasileiro vive um momento de enfrentamento sobre questões conservadoras, como, por exemplo, o que grupos fundamentalistas religiosos denominam de ideologia de gênero. Sousa Filho (2015, p. 9) denuncia que tais grupos enxergaram na abordagem de assuntos como diversidade sexual e de gênero uma tentativa de imposição de uma ideologia para a destruição da “família tradicional brasileira”, pois a presumida ideologia deturparia os supostamente verdadeiros conceitos de homem, mulher, sexualidade, família, casamento e reprodução da espécie.

As escolas, caso discutissem gênero e sexualidade em suas propostas pedagógicas estariam, para os idealizadores deste projeto, promovendo a “homo/transexualização” de crianças e jovens, o que faz com que muitos/as professores/as atualmente busquem se afastar da problematização de questões de gênero e sexualidade em suas disciplinas. Não temos elementos para supor que estes/as professores/as negaram a participação no projeto proposto pela escola devido a estas questões, entretanto reconhecemos que tal disputa política presente no contexto educacional brasileiro vem intimidando profissionais de educação para o engajamento nas discussões sobre gênero e sexualidade nas escolas.

Apesar das dificuldades iniciais, o projeto teve seu início no ano letivo de 2017. Destacamos a fala da orientadora Ana, a outra profissional responsável pela implementação do projeto:

Buscar levar em consideração os direitos humanos, direitos individuais, direito sobre corpo e sexualidade. E quando se fala em direito destacamos a qualidade desse direito, então você fala em autoconhecimento, em relações de gênero, do direito de uma escolha consciente, do direito de dizer sim ou não, do direito sobre o corpo. Você fala da obrigação de respeitar o outro. Ao falar do respeito ao outro, falamos da importância de reconhecer e respeitar as diferenças (Entrevista realizada no dia 19 de maio de 2017).

Para além da importância de inserção de conteúdos no projeto pedagógico como direito ao corpo, o que reconhecemos como de grande importância, a orientadora Ana faz uso em seu discurso do termo “respeitar as diferenças”. Miskolci (2013) levanta a potencialidade do que se reconhece como política da diferença, pois ela emerge como uma crítica ao multiculturalismo estadunidense que se pautava na retórica da diversidade e aqui no Brasil nas demandas de ações afirmativas – que não discordamos, mas reconhecemos que é possível ir além delas –, que apresentavam como sentidos “tolerar” e “incluir” os/as diferentes, o que se distancia bastante de reconhecer e valorizar o outro em suas especificidades.

A diversidade trabalha com a ideia de um poder horizontal, no qual se buscava evitar o conflito e as divergências entre os diferentes grupos socioculturais, apesar de integrá-los e a diferença tensionaria estes grupos, encarando as assimetrias e hierarquias, visando a construção de um contexto democrático em que o outro se torna parte de todos nós. A perspectiva da diferença direciona-se à alteridade, como também “em uma perspectiva das diferenças, [...] pode-se pensar na possibilidade de usá-las para modificar o processo educacional” (MISKOLCI, 2013, p.51).

Também, pensando a diferença nas pedagogias e práticas escolares, trazemos Louro (2008, p. 48) para a complementação desta análise, pois a autora aponta que a escola deve dirigir seu olhar para

os processos que produzem as diferenças, superando apenas o reconhecimento de uma “sociedade plural”, mas contemplando neste processo um “dar-se conta das disputas, das negociações e dos conflitos constitutivos das posições que os sujeitos ocupam”.

Nesta direção, a orientadora Flávia, ao também ser questionada sobre o projeto, reitera as posições de Ana, trazendo questões imbricadas a essa afirmação de Louro (2008, p. 48):

É claro que quando pensamos em projeto de corpo e sexualidade, temos que levar em consideração a clientela que nós temos e a própria visão de sexo e sexualidade deles. Aqui, para alguns, sexo é moeda de troca, pois temos pais e responsáveis que trabalham como profissionais do sexo. Nossos alunos iniciam muito cedo a vida sexual. Ouvi no programa do Boechat que os pais de uma aluna de um colégio caro da zona sul, que tiveram as fotos íntimas da filha de 12 anos divulgadas entre colegas, estavam cobrando uma ação da escola. Aqui nossos pais não participam ativamente destas questões. Os rapazes com as fotos das moças nuas são tidos como predadores e as moças, apesar da pouca idade, veem a situação com naturalidade (Entrevista realizada no dia 8 de maio de 2017).

Louro (2008), remetendo-se à teorização de Judith Butler sobre performatividade de gênero, afirma que os efeitos de instituições, dos discursos e das práticas buscam por meio de suas reiterações contínuas, normatizar o gênero e a sexualidade dos sujeitos. Porém, esse mesmo processo de normatização fornece a pauta para as transgressões, já que essa repetição e reiteração impostas pelas matrizes heterossexuais inteligíveis não se processam de maneira plena e “em vez de serem repetidas, as normas são deslocadas, desestabilizadas, derivadas, ploriferadas” (LOURO, 2008, p. 17). Deste modo, o projeto proposto pela escola, conforme a fala de Ana, já abarca ressignificações sobre tais questões, reconhecendo a multiplicidade nas identificações de gênero e sexualidades locais na comunidade em que a escola se localiza.

Outro ponto importante para ser problematizado na fala de Ana, diz respeito às masculinidades dos estudantes, vistos como “predadores” por compartilharem os nudes das estudantes sem autorização. Nesta análise, estamos diante de performatizações de masculinidades normativas que os estudantes encenam no espaço escolar. A inteligibilidade na identificação performativa masculina dos estudantes é, como coloca Butler (2015, p. 56), um efeito das práticas discursivas que se impõem por “um conjunto de atributos flutuantes, pois vimos que seu efeito substantivo é performativamente produzido e imposto pelas práticas reguladoras da coerência do gênero”.

As práticas produzidas pelos/as estudantes, ao compartilhar nudes sem autorização reiteram – e regulam – a identificação performativa masculina neste modelo normativo, que na contemporaneidade tem sido nomeada como masculinidade tóxica. Castro (2018) postula que as masculinidades tóxicas são constituídas com base no machismo e que o machismo, na maior parte das vezes, favorece o homem, mas também pode causar uma série de prejuízos a eles.

Neste contexto, a autora coloca que poucos são os meninos e rapazes em idade escolar que ousam driblar as normas da masculinidade normalizadora, pois “o medo do estigma e da censura, assim como o medo de perderem o status de ‘sexo superior’, acaba impedindo muitos homens, jovens e adul-

tos, de serem emotivos, sensíveis, delicados, empáticos" (CASTRO, 2018, p. 76). Tais características, no contexto da pesquisa, mostraram como estes estudantes pouco se importaram com a divulgação das fotos de suas parceiras/namoradas entre seus pares e as consequências que causariam a elas.

Conforme mencionamos anteriormente, questões de gênero e sexualidade apareciam descritas no projeto político-pedagógico da escola em 2017. Nesse excerto, trazemos parte de seus objetivos:

Pretendemos trabalhar de maneira ampliada as problemáticas da orientação sexual, ou seja, pretendemos ir além das discussões sobre as doenças e métodos contraceptivos de patologia sexual. Nosso objetivo é trabalhar de acordo com os Parâmetros Curriculares Nacionais e enfatizar as dimensões afetiva, prazerosa, ética e criativa da sexualidade humana (Projeto Político Pedagógico da Escola do Bairro).

A proposta pedagógica da escola do *Bairro* consiste justamente em ir além das questões biológicas nas discussões sobre gênero e sexualidade, posição que foi defendida pelos PCN há 20 anos (BRASIL, 1998), mas que ainda é um desafio que se coloca nas instituições de educação básica no país.

Miskolci (2010) aponta que a promoção de discussões sobre sexualidade nas escolas deve buscar superar os paradigmas de cunho biológico, voltados para prevenção de doenças sexualmente transmissíveis, historicamente postos em projetos de educação sexual nas escolas brasileiras. Para o autor, os/as educadores/as podem ir além das questões biológicas ao abordar a sexualidade a partir de situações do dia a dia, por meio de assuntos em pauta na mídia, discussões provocadas pela exibição de um filme, assim como leituras de textos, romances ou reportagens. Reconhecemos, em conjunto com o autor, que as práticas educativas que reconheçam a diferença no espaço escolar e que coloquem em discussões questões de gênero e sexualidade, indo além do biológico, podem se configurar como um espaço produtivo e potente de aprendizado para todos/as.

Os/as professores/as que aceitaram o desafio de participar desta empreitada foram os/as responsáveis pelas disciplinas de português, educação física, geografia, história e inglês. A proposta foi que trouxessem estas discussões para suas aulas e tematizem o corpo, gênero e a sexualidade a partir do currículo de suas disciplinas, sem a necessidade de interromper as aulas e o programa do curso para introduzir estes temas.

Nesse sentido, nos meses de março e abril de 2017 (1º bimestre) ficou combinado entre o corpo docente que o tema central seria "a mulher". Conseguimos conversar com uma professora de português e um professor de história, que nos contou sua dinâmica em sala de aula:

Conheço as três turmas há alguns anos. Tem alguns que foram meus alunos desde o 6º ano e tenho uma boa relação com a maioria dos alunos. Já iniciei conversando sobre tecnologia, fotografia e situação dos nudes. Tenho utilizado quadros históricos que retratam a mulher ao longo dos tempos. Tento mostrar principalmente para os rapazes a importância de discutir o papel da mulher na sociedade, já que eles serão maridos, pais. Acho que só conseguiremos igualdade de gênero no futuro se trouxermos os homens para estas discussões (Entrevista realizada no dia 19 de maio de 2017).

A professora de português destacou que procurou utilizar textos sobre as mulheres, corpo e direito em suas aulas:

Pessoalmente acho que o nudes é um direito da mulher. Pode ser utilizado para seu empoderamento, a mulher dona de seu corpo, que decide como e para quem mostrar. O problema que aqui na escola a questão atendeu ao machismo, ou seja, estas meninas tiram fotos íntimas para agradar os parceiros e estes como uma questão de prêmio e de posse distribuem as fotos das meninas entre os amigos. Isto com a intenção de demarcar terreno de mostrar propriedade ou no mínimo esta é fácil já usei. A minha proposta é discutir isso com os alunos. Tanto com as meninas quanto com os meninos. Acho que os dois lados devem discutir suas responsabilidades (Entrevista realizada no dia 1 de maio de 2017).

Ao trazerem estas discussões para a sala de aula, o professor e a professora estão retirando a sexualidade no campo da vida privada e se propondo a discutir com os/as estudantes suas percepções e consequências sociopolíticas e culturais (MOITA LOPES, 2008). Nesta perspectiva, ao pensar em reconstruir a história propõe-se repensar o processo de construção de conhecimentos e verdades a partir das relações de poder que construíram homens e mulheres de maneira hierárquica ao longo dos anos.

Butler (2015) denuncia como a construção binária dos gêneros, pelo processo de repetição e reiteração contínuas, privilegia a heterossexualidade, seguindo as normas e expectativas de papéis sociais normativos. Desta forma, problematizar essas construções pode ser uma tentativa de desconstruir modelos regulatórios e ao mesmo tempo abrir caminhos que possibilitem a visibilidade de novas performatizações de masculinidades e feminilidades.

Já a proposta de trazer os homens para as discussões de gênero, conforme colocada pelo professor e a professora, pode contribuir para que os/as estudantes compreendam que as verdades são questionáveis e que os gêneros estão condicionados recorrentemente a normas binárias, que hierarquizam homens e mulheres. Com isso, o papel da mulher poderá ser repensado e seus direitos, enquanto sujeito social, podem ser visibilizados, conforme a professora de português se propôs a fazer.

Nesse sentido, o corpo da mulher poderá deixar de ser visto com material de sujeição de um sexo pelo outro (PRECIADO, 2014), potencializando reflexões importantes no contexto escolar. Tal proposta, também pode contribuir para que os meninos repensem seus enquadramentos nos modelos tóxicos de masculinidade, contestando a naturalização do machismo, ainda muito presente naquele contexto.

Visitamos a escola no dia 16 de maio de 2017 para conversarmos com os/as estudantes e o objetivo inicial era assistir as aulas de um dos/das professores/as envolvidos no projeto, para depois interpelá-los/as. Contudo, havíamos sido avisados que a escola estava em período de provas bimestrais, mesmo assim fomos à escola e conversamos de maneira informal com alguns deles/as. A orientadora nos apresentou um pequeno grupo de 7 alunos/as da EJA que estava no pátio da instituição, e, a partir desta conversa informal, pudemos verificar que este grupo estava consciente da proposta do projeto, assim como do acontecimento do nudes que gerou tais discussões na escola.

Pedro de 17 anos, colega de classe de uma das estudantes que teve suas fotos divulgadas, nos contou sua versão e opinião sobre os fatos: “Olha professor essas meninas ficam mandando fotos

para os caras sem saber direito quem são. Eles mandam o papo e elas caem. Depois ficam chorando". Clara, de 16 anos, entrou na conversa e destacou: "mas eles não têm o direito de mandar estas fotos para os outros. Isso se chama respeito, a menina queria mostrar para ele e não para todos".

A fala do estudante Pedro recai num entendimento de controle do corpo da mulher na sociedade, de negação das possibilidades de agência sobre a sexualidade feminina que é refutada pela estudante Clara, que se posiciona em defesa da estudante e da possibilidade de decisão e escolha da mesma no envio de suas fotos, reiterando que o envio foi feito a apenas um estudante e o compartilhamento das fotos como uma prática arbitrária pelo mesmo.

Para Butler (2015, p. 47) a regulação binária da sexualidade, de um modo geral, silencia a sexualidade feminina, suprimindo as possibilidades de subversão "de uma sexualidade que rompe as hegemonias heterossexual, reprodutiva e médico-jurídica", conforme observamos nos discursos apresentados. Percebemos assim que as ações propostas pelo projeto na escola do *Bairro*, após o acontecimento do envio das fotos das estudantes, trouxeram reflexões importantes para a instituição de ensino, no que diz respeito aos direitos das mulheres sobre seus corpos e sua sexualidade.

## 4 CONSIDERAÇÕES

A questão desenvolvida ao longo deste artigo foi como um determinado acontecimento provocou importantes deslocamentos no cotidiano de uma instituição de ensino, retirando a comunidade escolar da zona de conforto e impulsionando-os/as a buscar novos caminhos, não só para as propostas pedagógicas, mas em seus modos de situar-se e olhar o mundo.

O uso dos dispositivos móveis possibilitou que meninos e meninas construíssem novas formas de viver a sexualidade. Neste contexto, o compartilhamento (sem autorização) das fotos das estudantes trouxe para a escola do *Bairro* a necessidade de se discutir questões normatizadas sobre masculino e feminino.

A instituição então repensou e problematizou verdades em relação a gênero e sexualidade e, particularmente, sobre as relações entre público e privado, colocando em xeque as relações de poder que produzem efeitos de realidade sobre os corpos. Com isso, a problematização destas questões na escola em questão possibilitou trazer à tona processos subjetivos sobre corpos, escolhas pessoais e sobre as diferenças, de uma maneira geral.

Um olhar deslocado sobre os acontecimentos vivenciados pela escola do *Bairro*, nos mostram que a prática subversiva das fotos desestabilizou os modelos normativos e usuais pedagógicos da instituição de ensino, provocando desnaturalizações e incertezas entre os/as profissionais nos seus modos de pensar e agir.

Assim, os desafios futuros serão criar novas conexões sobre novos acontecimentos, que não se estabilizem aprioristicamente ou se estabilizem apenas de maneira provisória, promovendo no espaço escolar novos efeitos, discursos e práticas sociais de respeito e reconhecimento sobre as diferenças.

## REFERÊNCIAS

ALBUQUERQUE JUNIOR, Durval. No castelo da história só há processos e metamorfoses, sem veredicto final. *In*: Edson Passeti (Org.). **Kafka/Foucault sem medos**. Cotia: Ateliê Editorial, 2004. p. 13-32.

BRASIL. **Parâmetros curriculares nacionais**: orientação sexual. Brasília: MEC/SEF, 1998.

BUTLER, Judith. **Problemas de gênero**: Feminismo e subversão da identidade. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2015.

CASTRO, Suzana de. O papel das escolas no combate às masculinidades tóxicas. **Aprender**, Vitória da Conquista, n. 20, p. 75-82, jul.-dez. 2018.

FOUCAULT, Michael. **Resumo dos cursos do Collège de France (1970-1982)**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1997.

KUMARAVADIVELU, B. A Linguística Aplicada na era da globalização. *In*: MOITA LOPES, Luiz Paulo (Org.). **Por uma linguística aplicada indisciplinar**. 2. ed. São Paulo: Parábola, 2006.

LEMOS, André. Cultura da mobilidade. **Revista Famecos**, Porto Alegre, n. 40, p. 28-35, dez. 2009.

LOURO, Guacira Lopes. **Um corpo estranho**: ensaios sobre sexualidade e teoria *queer*. Belo Horizonte: Autêntica, 2008.

MISKOLCI, Richard. Sexualidade e orientação sexual. *In*: MISKOLCI, Richard (Org.). **Marcas e diferença no ensino escolar**. São Carlos: EdUFSCar, 2010, p. 75-112.

MISKOLCI, Richard. **Teoria queer**: um aprendizado pelas diferenças. Rio de Janeiro: Autêntica, 2013.

MOITA LOPES, Luiz Paulo. Gêneros e sexualidades nas práticas discursivas contemporâneas: desafios em tempos queer. *In*: SILVA, Antônio de Pádua Dias (Org.). **Identidades de gênero e práticas discursivas**. Campina Grande: EDUEP, 2008. p. 13-9.

PRECIADO, Paul B. **Manifesto contrassexual**: práticas subversivas de identidade sexual. São Paulo: N1 edições, 2014.

ROOKE, Alison. Queer in the field: On emotions, temporality and performativity in Ethnography. *In*: BROWNE, Kathe; NASH, Catherine (Org.). **Queer methods and methodologies**. London: Asghate, 2010. p. 25-40.

SOUSA FILHO, Alípio de. “Ideologia de gênero”: quem pratica? **Revista Bagoas**, Natal, v. 9, n. 12, p. 9-14, 2015.

---

Recebido em: 30 de Março de 2018

Avaliado em: 5 de Maio de 2018

Aceito em: 10 de Agosto de 2018

---



A autenticidade desse artigo pode ser conferida no site <https://periodicos.set.edu.br>

Como citar este artigo:

ROMEO, Andrea. Lo special account del fenomeno religioso nel dibattito nordamericano. *Argumenta Journal Law*, Jacarezinho – PR, Brasil, n. 29., 2018, p. 15-48.

DOI: 10.17564/2316-3828.2018v7n1p13-24



Este artigo é licenciado na modalidade acesso abertosob a Atribuição-Compartilhualgal CC BY-SA

---

1Pós Doutor em educação pela UFRJ, Prof. Colaborador PPGAC-UNIRIO Prof. SME Duque de Caxias (RJ)

2Pós Doutorando em educação UERJ, Prof. Colégio Pedro II (RJ)



